



A EXISTÊNCIA DE DEUS NAS OBRAS DE ANSELMO DE AOSTA E RENÉ DESCARTES¹

Adriane da Silva Machado²

O problema acerca de Deus ocupa grande parte da história da filosofia, desde a antiguidade até nossos dias. Na antiguidade, a filosofia era concebida numa ótica cosmológica, ou seja, a totalidade do real como cosmos. Assim, o divino fora concebido de diferentes formas, por Anaximandro, como fundamento originário; por Parmênides, como ser imutável; por Heráclito, como ordem do mundo; por Anaxágoras, como princípio de movimento do mundo. Aliás, em Platão, tem-se a idéia de Sumo Bem e Deus como Demiurgo; e em Aristóteles, como Ato puro e Movente não-movido. Na Idade Média, Deus estava ao centro do filosofar. A discussão era em torno de sua existência verdadeiramente, uma vez que em Deus todos acreditavam, mas o que buscavam os medievais em geral era compreender a existência divina. Também na Idade Média foram temas muito debatidos a dialética, os universais e as relações entre razão e a fé, tema este que foi abordado por muitos filósofos. Acredita-se que Anselmo tenha-se utilizado do tema de forma bastante peculiar, partindo de que o evangelho de São João, afirma que no princípio era apenas o verbo, Deus era o Verbo, o logos; portanto Deus era a palavra e também a razão. Mas o homem é um ser finito e limitado assim como o mundo, e possui a razão. Todavia, o homem é um ente que participa do logos. A expressão característica da Idade Média, é que o homem é “medium quid inter nihilum et Deum”, ou seja, “o meio entre Deus e o nada”. Para Anselmo, não se deve observar as coisas do mundo para encontrar a verdade, a verdade está em Deus, e em Deus o homem encontra a si mesmo. Assim, só por amor a Deus que Anselmo elaborou a sua obra e dedicou sua vida; elaborou o Proslogion como prova racional da existência de Deus, para embasar racionalmente o que é crido pela fé. Anselmo utilizou no Proslogion a razão como apoio a fé, assim podia-se ver de forma racional que Deus existe verdadeiramente. Embora houvesse tentado anteriormente em seu Monologion, o monge não ficou satisfeito, não com o conteúdo da obra obviamente, mas com o grande número de argumentos. Assim, ao desenvolver o Proslogion limitou-se a desenvolver apenas um argumento. Argumento este que atualmente é conhecido como argumento ontológico, após ser assim denominado por Kant. Nas obras de Anselmo torna-se nítida a necessidade que o autor acreditava existir em crer para compreender. Portanto, ambas as obras de Anselmo foram escritas para pessoas de fé e não para fazer crer pela razão aqueles que ainda não crêem. Para Anselmo, a fé em Deus é uma exigência de amor. Mas, é uma fé consciente, uma fé que busca compreender; de forma que Anselmo a entende como regra de vida. Assim, para este monge beneditino, o primado da fé sobre a razão significa que a nossa especulação metafísica deve partir das verdades da fé. Então, acredita-se que foi com estes pressupostos que Anselmo desenvolveu o Proslogion, importante obra produzida no seio da Idade Média. Anselmo desenvolveu o Proslogion cuidadosamente, esperou em busca de um argumento que lhe oportunizasse expor a verdade divina e compreendê-la até onde lhe fosse possível, já que não buscava penetrar na verdade divina, pois tinha consciência de sua pequenez, portanto buscava compreender a verdade divina até onde lhe fosse permitido por



Deus. Mais tarde, em meio à filosofia moderna René Descartes (1596-1650), retoma o argumento anselmiano. Nas *Meditationes de prima philosophia* (1641), embora não haja uma menção explícita de Anselmo, até mesmo, porque provavelmente este só conhecera o argumento indiretamente através da crítica de Tomás de Aquino. Mas, nem por isso, é possível negar que a prova ontológica da existência de Deus é retomada por Descartes nas *Meditações Metafísicas*, através de uma renovação radical do fazer filosofia primeira, ou seja, metafísica, teo-logia. É exatamente com o argumento anselmiano e com a retomada do mesmo por Descartes, que se ocupa este trabalho. Uma vez, que este trabalho, tem por escopo tematizar à existência de Deus na filosofia e nas obras de Anselmo de Aosta e René Descartes, assim respectivamente, no *Proslogion* e nas *Meditações Metafísicas*. Abordaremos, ainda que brevemente, num primeiro momento, a vida de Anselmo de Aosta; seu método, o argumento único e ainda os atributos divinos contidos no *Proslogion*. Num segundo momento, abordaremos o argumento ontológico de Descartes contido nas *Meditações Metafísicas*. Utilizaram-se, para a realização deste trabalho as obras supra referidas, em especial, o *Proslogion* de Anselmo de Aosta, redigido a pessoas de fé “redigi este opúsculo como uma pessoa que se esforçasse para elevar a sua mente até a contemplação de Deus, a fim de compreender aquilo em que acredita” (proêmio ao *Proslogion*, grifo nosso); Assim, como as *Meditações Metafísicas*, que se constituem na principal obra metafísica de Descartes, apresentada em seis meditações, em primeira pessoa, nas quais Descartes afirma “não instaria ninguém a ler este livro a não ser os que são capazes e estão dispostos a meditar seriamente comigo” (prefácio às *Meditações*, grifo nosso).

¹ Trabalho de conclusão de curso

² Lic. em Filosofia da UFPel, aluna do mestrado em Filosofia da UFSM - MINTER